

O assassino
pôs a faca no
pescoço da
nossa filha.
Eis como
reagimos.

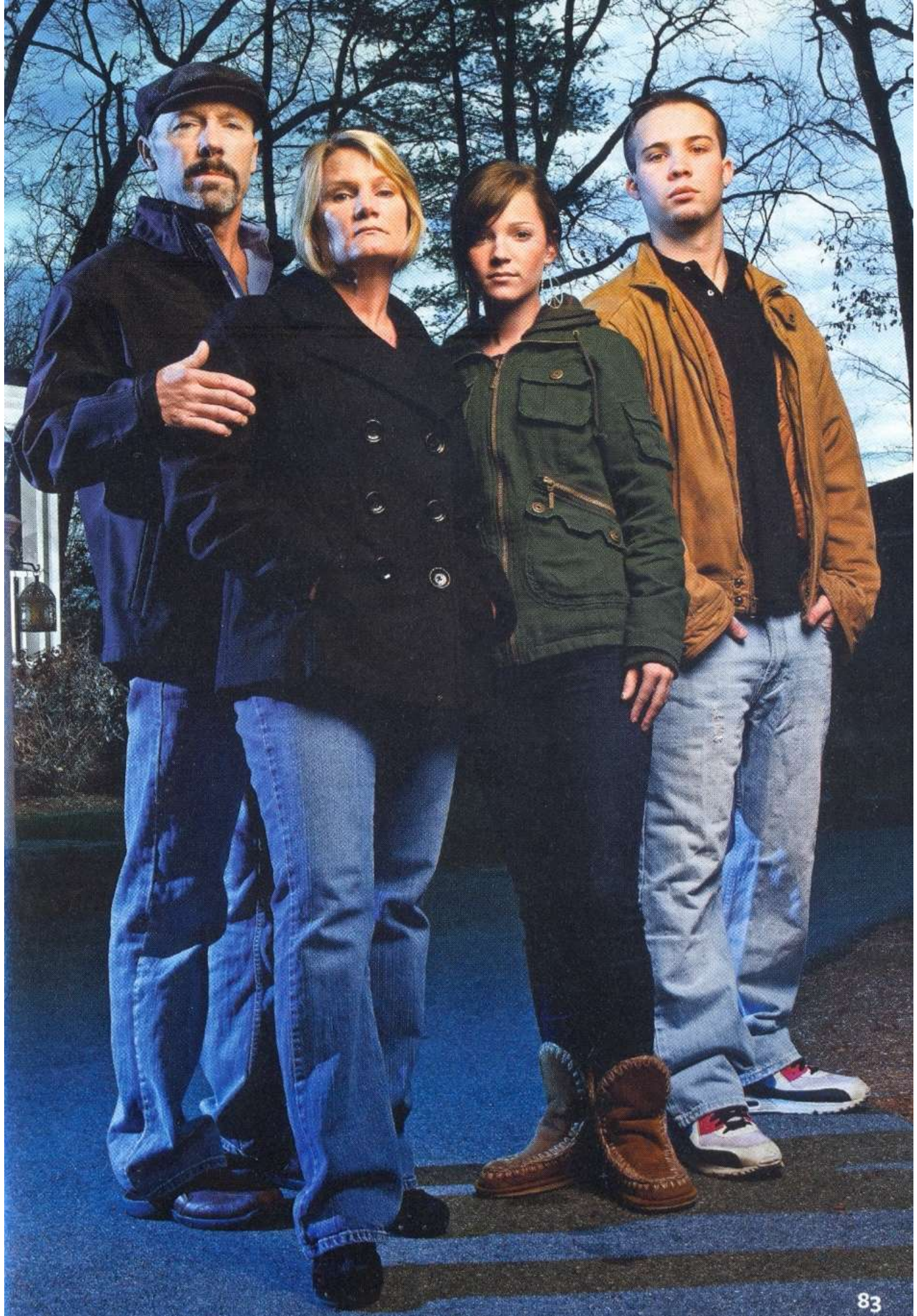
Pego no flagra

Em casa em
Chelmsford,
Massachusetts: Kevin,
Jeannie, Shea e Ryan
McDonough.

POR JEANNIE MCDONOUGH
E PAUL LONARDO

● DE *Caught in the Act*

FOTOGRAFADO POR JASON GROW



Em 29 de julho de 2007, Shea, nossa filha de 15 anos, voltou da casa de uma amiga pouco antes da meia-noite. Kevin, meu marido, dormia, mas eu estava bem acordada. O ventilador de teto do nosso quarto pouco adiantava para aliviar o calor sufocante. Shea disse que ia dormir no quarto de hóspedes junto ao nosso, o único cujo ar-condicionado funcionava. Ela nos deu boa-noite e começou a fechar a porta do nosso quarto.

“Shea, você pode deixar a porta entreaberta, por favor? Obrigada, filha. Boa noite.”

Mas Shea ainda não estava com sono. Quando entrou na sala de estar e ligou a televisão, se deu conta de que o irmão mais velho não estava em casa. Presumindo que voltaria logo, destrancou a porta dos fundos para o caso de ele ter se esquecido de levar a chave. Ela não sabia que Ryan ia passar a noite na casa de um amigo.

De madrugada, por volta das 3h40, o intruso mascarado entrou na nossa casa pela cozinha, onde Shea e eu tínhamos deixado as bolsas. Pegou ambas, levou-as lá para fora e as examinou com sua lanterna minúscula. Na de Shea havia uma fotografia colorida dela. Acho que era tudo o que ele precisava ver.

Pegou o dinheiro da bolsa de Shea e deixou o restante na mesa da varanda. Entrou de novo e passou pela porta entreaberta do nosso quarto, ignorando Kevin, a mim e ao dinheiro visível

sobre a mesa do escritório. Em vez disso, entrou no quarto de hóspedes e fechou a porta; o zumbido do ar-condicionado abafava qualquer ruído. Inclinou-se sobre a nossa filha e, com firmeza, tapou-lhe a boca com a mão enluvada. Na outra mão, segurava uma grande faca de caça.

Shea acordou na mesma hora, desorientada. Primeiro, achou que o irmão estava brincando com ela, mas mesmo no escuro deu para perceber que o corpo volumoso não era de Ryan. Ela sentiu algo pontudo sendo pressionado em seu pescoço e, quando conseguiu focalizar direito, viu que o homem usava máscara.

“Se fizer barulho, mato você”, disse ele com forte sotaque sulista.

Shea quis gritar, mas não conseguiu. A mão do homem era tão grande que cobria quase todo o seu rosto.

Ouvi gemidos vindo do outro lado da parede e vi que Kevin também estava acordado.

- Vou ver o que está acontecendo - disse ele.

- Não, deixe que eu vou - retruquei, mas Kevin já estava de pé.

Já era bastante incomum um de nós acordar no meio da noite, e não me lembro de já termos ido os dois juntos ver como estavam as crianças, mesmo quando eram bebês. Mas se um de nós tivesse ido sozinho, os fatos que se seguiram teriam sido bem diferentes. O mais perturbador é que, se nosso ar-condicionado estivesse funcionando, talvez não tivéssemos escutado os gemidos de Shea.

Nem me preocupei em vestir o roupão; ambos estávamos de roupa de baixo, não esperando encontrar nada mais traumático do que nossa filha tendo um pesadelo. Mas, quando Kevin abriu a porta do quarto de hóspedes, nos vimos no meio de um pesadelo *de verdade*.

“Ei!”, berrou Kevin para a figura enorme. “O que você está fazendo?”

Espantado, o intruso se virou para nos encarar e arranhou o ombro de Shea com a faca.

Poucas palavras, se é que existe alguma, podem descrever meu terror absoluto. Instintivamente, comecei a ir em direção à cama, ao mesmo tempo que Kevin atacou. Embora talvez fosse uns 40 quilos mais leve do que o intruso, Kevin lhe agarrou os pulsos, girou-o para longe de Shea, jogou-o na outra cama do quarto e subiu nas costas dele, gritando para mim: “Pegue a faca!”

Tentei alcançá-la, mas cortei feio a palma das mãos.

Shea pegou o celular e ligou para a polícia. No começo, falou histericamente, mas logo recuperou a calma e disse ao atendente onde estava e o que acontecia. Como usou o celular em vez de o telefone fixo, a chamada foi atendida pela polícia estadual e teve de ser transferida para o departamento local de Chelmsford, Massachusetts. Enquanto aguardava, Shea achou que a ligação caíra e desligou. Por sorte, o atendente passou todas as informações adiante e, às 3h58, o policial Robert Murphy se pôs a caminho.

Shea estava prestes a ligar de novo para a polícia quando o intruso conseguiu se levantar, com Kevin agarrado às suas costas. Foi o momento mais apavorante da minha vida. Tive certeza de que ele mataria nós três. Mas Kevin se segurou e conseguiu passar o braço em torno do pescoço do homem, contendo-o com toda a força quando os dois caíram para trás. Bateram na parede entre a cama de Shea e o armário, o intruso no colo de Kevin, sem conseguir se mexer.

O homem tinha duas facas de caça de 38 cm, um punhal com lâmina retrátil e uma estrela ninja.

- Shea, vá buscar minha arma! - berrou Kevin.

- Certo, pai! - respondeu ela, e saiu correndo do quarto, sem deixar transparecer o fato de que não tínhamos armas. Assim que Shea saiu, o celular tocou. Era a polícia de Chelmsford, dizendo a ela que saísse para fazer sinal para a viatura.

- Quem é você? - perguntei ao intruso enquanto tentava pegar a faca outra vez.

- Não sou ninguém. Me deixem ir.

- Você não vai a lugar algum - disse Kevin.

- Vou largar a faca - falou o homem.

Com Kevin a lhe apertar a garganta, o intruso ia perdendo rapidamente as forças.

Então meu medo se transformou em raiva.

“Não se mexa, ou estouro seus miolos!”, berrou o policial Murphy quando entrou no quarto.

- Como você entrou? - perguntei.

- A porta dos fundos estava destrancada.

- Você teria entrado se a porta estivesse trancada?

- Não. Não sei arrombar fechaduras.

Lá fora, Shea acenava com os braços quando o carro da polícia se aproximou da nossa casa. O policial Murphy desceu e tirou a pistola do coldre.

- Onde está ele? - perguntou a Shea.

- Dentro de casa. Lutando com meu pai.

Murphy estava sozinho, mas, com um homicídio em potencial em andamento, não ia esperar reforços.

“Não se mexa, ou estouro seus miolos!”, berrou Murphy quando entrou no quarto.

Fiquei mais do que aliviada. Era como se uma eternidade tivesse se passado, mas fazia apenas quatro minutos que Shea ligara para a polícia.

Um instante depois chegou o sargento Frank Goode, que puxou o homem de cima de Kevin, dominou-o e o algemou. Àquela altura, o policial Bruce Darwin também havia chegado.

Quando Goode revistou o sujeito, os policiais se espantaram com o que o colega encontrou: duas facas de caça de 38 cm, um punhal menor com lâmina retrátil, um cabo de “chupe-ta” para bateria de mais ou menos um metro e uma estrela ninja.

Enquanto tudo isso acontecia, fui para o meu quarto, onde Shea teve de me ajudar a vestir a roupa por causa dos cortes profundos nas mãos.

Enquanto o homem era levado da casa, os paramédicos chegaram para tratar das minhas mãos, que tiveram de levar 19 pontos. Já na traseira do camburão, o intruso berrou por uma janela: “Ela se machucou sozinha!”

Logo em seguida, chegou o detetive George Tyros, do Departamento Cri-

minal. O policial Murphy se arriscara ao adentrar a casa sozinho, mas quando Tyros viu o arsenal teve certeza de que qualquer hesitação teria resultado na chamada do médico-legista.

Enquanto o detetive fotografava e recolhia as provas, Kevin, Shea e eu ainda não tínhamos total consciência da sorte que tivemos – nem de como nossas vidas mudariam para sempre.

Durante o inquérito, a polícia descobriu que o homem que atacara Shea era um caminhoneiro chamado Adam Leroy Lane. Tinha 42 anos, morava na Carolina do Norte, era casado e tinha filhos. No caminhão, havia um DVD intitulado *Hunting Humans* (Caçando seres humanos). A polícia suspeitou de que aquele não era seu primeiro crime e entrou em contato com o FBI. Dali a um mês, Lane confessou o assassinato violento de Monica Massaro, 38 anos, na casa dela, em Bloomsbury, Nova Jersey (perto da rodovia Interestadual 78), menos de 24 horas antes do ataque a Shea. Logo depois se tornou o principal suspeito da morte de Darlene Ewalt, 42 anos, do município de West Hanover, na Pensilvânia (perto da Interestadual 81), no dia 13 de julho. Darlene teve a garganta cortada enquanto falava ao telefone no pátio dos fundos da casa, às duas da madrugada. Para piorar a tragédia da família, a princípio a polícia achou que o marido era um possível suspeito; ele insistira – e falava a verdade – que dormia no segundo andar. Lane também era suspeito do ataque quase fatal a facadas de Patricia Brooks, 37 anos, do município de Conewago, na Pensilvânia (per-



to da Interestadual 83), atacada em casa no dia 17 de julho. Ela sobrevivera porque se fingira de morta. Horrorizada com a tristeza das outras famílias, a mãe de Shea prometeu fazer o possível para que houvesse justiça.

Adam Leroy Lane no Tribunal, em 12 de setembro de 2007.

Em 12 de setembro de 2007, no dia seguinte ao aniversário de 16 anos de Shea, Adam Leroy Lane foi levado ao Tribunal Superior de Middlesex, em Lowell, Massachusetts, para responder pela acusação do ataque à minha filha. Kevin, Shea e eu vimos Lane, com o macacão alaranjado da prisão, ser trazido com algemas nos pulsos



Foto das armas de Lane tirada pela polícia: máscara, lanterna e outros itens.

e tornozelos. Perdera muito peso e parecia extremamente apático, como que drogado.

“Olhe para ele...”, disse a Kevin, sentindo mais ódio que nunca. Achei que ele tentava angariar simpatia. Lane se declarou inocente de dez acusações criminais, inclusive invasão de domicílio e agressão dolosa (com intenção de matar). Embora nessa fase o procedimento-padrão seja que os réus se digam inocentes, foi inacreditável ouvir essas palavras ditas pelo homem pego em flagrante com a faca na garganta da nossa filha.

Shea tremeu ao ouvir a voz de Lane. Abracei-a e a puxei para perto.

Ouvimos o advogado de defesa pedir liberdade sob fiança. Se Lane pagasse fiança em Massachusetts, seria entregue às autoridades de Nova Jersey para responder pela acusação de assassinato a Monica Massaro.

O promotor Thomas O'Reilly afirmou enfaticamente que “o estado não tem a mínima intenção de entregá-lo a Nova Jersey antes que nosso caso se resolva”, e descreveu Lane como “um perigo para a comunidade”.

Depois que Lane passasse pela avaliação psiquiátrica, a promotoria teria 90 dias para levar o caso dele a julgamento ou avaliar outro pedido de fiança.

Os três meses pareceram uma eternidade para nossa família. Tentamos ao máximo levar a vida de sempre, mas era como se todos pisássemos em ovos ou andássemos no meio de uma forte neblina.

Enquanto isso, em 30 de outubro, no condado de Hunterdon, em Nova Jersey, o júri responsável pela pronúncia indiciou Lane à revelia por oito crimes, entre os quais homicídio doloso, homicídio culposo, arrombamento para roubar e porte de armas, todos relacionados ao homicídio de Moni-

ca Massaro. Se condenado pelo homicídio doloso, a pena de Lane poderia ser prisão perpétua sem possibilidade de liberdade condicional. Foi a melhor notícia que recebi em muito tempo.

Em 3 de novembro, o policial Robert Murphy, o detetive George Tyros e o sargento Frank Goode foram condecorados pela prisão de Lane e receberam da Associação Benemerente da Polícia da Nova Inglaterra o título de Policiais do Ano. Foi a primeira cerimônia de premiação desse tipo, que envolveu 72 departamentos de Massachusetts e de New Hampshire. Um mês depois, nossa família recebeu da cidade de Chelmsford certificados de Reconhecimento por Heroísmo e Bravura. O chefe de polícia James Murphy elogiou a ajuda de Kevin ao dominar um indivíduo enlouquecido que, provavelmente, ainda estaria à solta se não fosse sua intervenção. Kevin passou o elogio adiante: “Acho que ela é que é a verdadeira heroína”, disse sobre Shea. “Teve a força de vontade de lutar.”

– O mais espantoso foi que ela conseguiu manter a calma enquanto acompanhava o primeiro policial que atendeu ao chamado para dentro da casa – disse Murphy.

– Ela é dura na queda – acrescentei, sorrindo para Shea. – Ela reagiu e nós agimos em seguida. Foi um verdadeiro trabalho em equipe.

Como o pai, Shea não ligou para o elogio, deu de ombros e sorriu.

Quando o Natal chegou, achamos que já tínhamos ganhado nosso presente.

Duas semanas antes, em 11 de dezembro, Lane, depois de admitir sua culpa, foi condenado a uma pena de 25 a 30 anos de prisão pelo ataque à nossa casa, e em seguida seria julgado em Nova Jersey.

Isso pôs fim ao nosso envolvimento pessoal com o sistema judiciário criminal. Mas a dor a que fomos expostos – a nossa e a das famílias e amigos das outras vítimas de Lane – foi um desafio para nós. Recebemos um cartão de boas-festas dos amigos de Darlene Ewalt, exprimindo a sua sincera gratidão. Mensagem semelhante veio da família Massaro. Percebi que essa tragédia nos ligaria para sempre, e eu só podia esperar que, com o tempo, todos encontrássemos alguma paz no coração.

Seis meses depois do ataque, os efeitos duradouros do medo e da ansiedade vieram à tona. Em uma noite de fevereiro, após uma festa na qual tomara bebidas alcoólicas, Shea chegou em casa exibindo um comportamento instável e agitado, e fez um comentá-

Shea tinha dificuldade de se concentrar e não conseguia dormir.



Jeannie, Shea e Kevin McDonough no Tribunal em 11 de dezembro de 2007, quando Lane se declarou culpado.

rio repentino para o namorado, ameaçando se suicidar. Foi apavorante e de cortar o coração.

Quando o efeito do álcool passou, a ideia de suicídio também se foi, mas fiquei acordada a noite toda junto dela para ter certeza de que estava bem. Sentia-me culpada e me responsabilizava por não ter previsto que aquilo poderia acontecer. Minha filha me era tão preciosa! E eu temia que talvez não tivesse deixado isso bem claro para ela. Achei que, se Shea soubesse como era importante para todos nós, nunca chegaria a pensar em se ferir.

Na manhã seguinte, conversei com a terapeuta dela e marquei hora para que Shea fosse examinada o mais cedo

possível. Ela não achava necessário e não gostou do que fiz. E eu só podia torcer para que um dia entendesse que a mãe só queria o melhor para ela.

A primavera chegou e ainda nos esforçávamos para fazer com que tudo voltasse ao normal. Parecia que cada passo para a frente era seguido de outro para trás. Shea e Ryan sempre foram bons alunos, mas agora vinham tendo maus resultados na escola.

Shea estava com dificuldade de se concentrar e não conseguia dormir. A escola reduziu o número das matérias que ela cursava, e isso ajudou, mas a situação ainda era complicada. Ser adolescente já é bastante difícil, mas fica pior ainda quando se sente que todos cochicham pelas suas costas. Em casa, Shea convivia com quem sabia pelo que ela passara. Na escola, era preciso se encaixar no grupo, e eu mal conseguia imaginar como Shea devia se sentir no dia a dia. Sua perda de motivação não era de surpreender.

Ryan também não ia bem. Os desafios do primeiro ano de faculdade tinham sido grandes demais para nosso filho e, após ficar em dependência no primeiro semestre, ele não conseguiu sair do buraco que cavara para si mesmo. Quando recebemos uma carta do Instituto Wentworth dizendo que Ryan havia sido convidado a se retirar da faculdade, nosso coração já entristecido se abateu ainda mais.

Shea continuou a visitar a terapeuta, que lhe sugeriu ir também a um psiquiatra que receitasse uma peque-

na dose de antidepressivos e ansiolíticos. Fiquei apreensiva com isso por causa dos possíveis efeitos colaterais e das consequências desconhecidas a longo prazo. Kevin e eu concordamos que só recorreríamos a esse método de tratamento se víssemos uma queda drástica no estado geral de Shea.

Percebi que medir esse tipo de evolução é difícil e tive medo de ter tomado a decisão errada. No entanto, observamos nossa filha atentamente e, por sorte, ela começou a dar passos maiores. No fim das contas, não foi necessário receitar medicamentos. Quanto a Ryan, ele conseguiu continuar se dedicando ao seu interesse em meios de comunicação digitais.

Embora houvesse muitos desafios pela frente para nossa família, ainda estávamos juntos, e isso era o mais importante.

Em 11 de setembro de 2008, Shea fez 17 anos. No verão, Lane fora levado a Nova Jersey para ser julgado pelo homicídio de Monica Massaro. Aquele 11 de setembro foi um dia belíssimo, claro e ensolarado, não muito diferente do 11 de setembro que mudara o mundo sete anos antes. Assim como para todos os americanos, para mim essa data será para sempre marcada pela tragédia e pela reflexão de

como, de uma hora para outra, nosso país perdeu a inocência e a sensação de segurança. No entanto, para mim também será um dia de comemoração. No seu 17º aniversário, olhei para minha filha sentindo uma enorme gratidão por sua vida não lhe ter sido tirada, e com um sentimento de admiração porque, forte e resistente, ela continuava de pé diante de mim.

Sem dúvida, em 11 de setembro sempre farei uma pausa por todas aquelas vidas inocentes que se foram, e, ao respirar de novo, darei graças a Deus porque esse dia também será comemorado na minha família pela imensa alegria que nos traz, por marcar a chegada de Shea ao mundo.

Em outubro de 2008, Lane foi condenado a 50 anos de prisão pelo assassinato de Monica Massaro, a serem cumpridos depois dos 25 a 30 que já recebera pelo ataque a Shea. Como parte da troca da admissão da culpa pela redução da pena, ele abriu mão do direito de recorrer. Em junho de 2010, foi condenado a prisão perpétua pelo homicídio de Darlene Ewalt e recebeu mais 10 a 20 anos por tentar matar Patricia Brooks. Embora escapasse da pena de morte, não há nenhuma possibilidade de que um dia Lane volte à liberdade.

DEPOIS NÃO RECLAME!

Namorar é complicado. Não acredita? Aqui está um exemplo:

– Pouco depois que terminamos, minha ex-namorada me ligou para saber como fazia para mudar o *status* de relacionamento no Facebook.